

UM

FAZ JÁ ALGUNS ANOS, os cavalheiros do comércio de livros têm-me vindo a pressionar, da maneira mais premente, para confiar as minhas memórias ao papel; pois, alegam esses mesmos senhores, existe muita gente que pagaria alegremente alguns poucos xelins para saber das aventuras verdadeiras e admiráveis da minha vida. Embora tenha sido minha prática afastar sempre essa ideia com um aceno casual de mão, não posso pretender que nunca tenha pensado seriamente nela, pois com frequência fui o primeiro a congratular-me por ter visto e experimentado tanta coisa e muitas vezes partilhei alegremente as minhas histórias com uma boa companhia em torno de uma mesa limpa depois do jantar. Ainda assim, existe uma diferença entre histórias contadas ao redor de uma garrafa de clarete no final da noite e um livro que qualquer um em qualquer lugar pode pegar e examinar. Certamente sinto prazer na ideia de recontar a minha história, mas também reconheço que publicar seria uma empreitada delicada — os nomes e detalhes das minhas aventuras tocariam quase tantas pessoas ainda vivas que tal livro seria passível de processos, para dizer o mínimo. No entanto a ideia tem-me fascinado — e até atormentado — sem dúvida por causa da vaidade que existe dentro do peito de todos os homens e talvez dentro do meu mais do que no da maioria. Portanto decidi escrever este livro da forma que acho justa. Se os cavalheiros de Grub Street quiserem cortar nomes de ligações obscuras, então podem fazê-lo. Da minha parte, vou guardar o manuscrito de modo a que possa haver algum registro verdadeiro destes eventos, se não para esta época, então para a posteridade.

Tive alguns problemas para decidir como começar, pois presenciei muitas coisas de interesse para o público em geral. Devo começar como os romancistas, com o meu nascimento, ou como os poetas, a meio da acção? Talvez de nenhuma das duas. Acho que vou começar a minha história com o dia — agora mais de 35 anos atrás — em que conheci William Balfour, pois foi a questão relativa à morte do seu pai que me trouxe alguma pequena medida de sucesso e reconhecimento junto ao público. Até agora, porém, poucos homens conhecem toda a verdade por detrás daquele caso.

O Sr. Balfour visitou-me pela primeira vez num final de manhã em Outubro de 1719, um ano de muito tumulto nesta ilha — a nação vivia sob o medo constante dos franceses e do seu apoio ao herdeiro do deposto rei Jaime, cujos seguidores jacobinos ameaçavam continuamente retomar a monarquia britânica. O nosso rei germânico só estava há quatro anos no trono e as disputas de poder dentro do seu ministério criavam uma sensação de caos em toda a capital. Todos os jornais alardeavam o peso da dívida da nação que, diziam, jamais poderia ser paga, mas aquela dívida não dava nenhum sinal de diminuir. Era uma época de exuberância, bem como de tumulto, perdição e possibilidade. Uma altura excelente para um homem cujo sustento dependia do crime e da confusão.

Questões da política nacional tinham pouco interesse para mim, porém, e a única dívida que me preocupava era a minha própria. E no dia em que começa a minha história eu tinha problemas ainda mais prementes do que as minhas precárias finanças. Estava acordado há muito tempo, mas só há pouco tinha saído da cama e me vestido, quando a minha senhoria, a Sra. Garrison, me informou que havia um cavalheiro cristão lá em baixo que queria ver-me. A minha boa senhoria sempre sentia a necessidade de especificar que era um cavalheiro *cristão* que vinha visitar-me, embora nos meses em que residi com ela nenhum outro judeu, a não ser eu mesmo, tenha entrado na sua casa.

Naquela manhã eu estava desorientado e sem nenhuma condição de receber visitantes, quanto mais estranhos, por isso pedi à Sra. Garrison que o mandasse embora,

mas à sua maneira intrépida — pois a Sra. Garrison era uma criatura resoluto — ela regressou, informando-me que o assunto do cavalheiro era urgente.

— Ele diz que se relaciona a um assassinato — explicou-me no mesmo tom monótono que usava para me anunciar aumentos na renda. O seu rosto pálido e cheio de veias endureceu para mostrar o seu desprazer. — Foi o que ele disse, *assassinato*, claro como a água. Não posso dizer que me agrada, Sr. Weaver, ter homens a vir à minha casa para falar de *assassinatos*.

Eu não podia compreender plenamente por que, se a palavra era tão desagradável aos seus ouvidos, ela pudesse pronunciá-la tão alto pelos corredores. Mas vi que a minha tarefa era confortá-la.

— Entendo perfeitamente, madame. O cavalheiro certamente disse "acetinado" em vez de "assassinato" — menti —, pois estou a trabalhar numa companhia de tecidos neste momento. Por favor, mande-o subir.

A palavra *assassinato* tinha chamado a minha atenção assim como a da Sra. Garrison. Tendo-me envolvido numa espécie de assassinato há menos de doze horas atrás, pensei que esta questão realmente pudesse dizer respeito a mim. Este Balfour seria certamente algum tipo de abutre — aquela espécie de renegado em desespero que fervilhava em Londres, uma criatura que esquadrihava as ruas húmidas e sujas nas proximidades do rio em busca de qualquer coisa que pudesse penhorar, inclusive informação. Sem dúvida ouvira algo sobre a infeliz aventura em que eu me envolvera e viera pedir-me para pagar pelo seu silêncio. Eu sabia bem como me livrar de um homem desta laia. Não com dinheiro, certamente, pois dar qualquer prata a um velhaco destes era encorajá-lo a voltar a pedir mais. Não, eu tinha aprendido que nestes casos a violência geralmente resolvia a questão. Pensaria em algo sem sangue — algo que não atraísse a atenção da Sra. Garrison quando eu escoltasse o patife para fora. Uma mulher que não gosta de ouvir falar em assassinato debaixo do seu tecto dificilmente aprovaria um acto de mutilação sob suas escadas.

Precisei de um momento para colocar em ordem o meu quarto de recepção, como eu o chamava. Aluguei dois quartos à Sra. Garrison, um particular, o outro onde eu conduzia o meu negócio. Como muitos homens de negócios — eu me via nessa qualidade, ainda então —, acostumara-me a organizar os meus afazeres num café local, mas a natureza delicada do meu trabalho havia tornado tais recintos públicos inaceitáveis para os homens que eu servia. Então, instalei um quarto com várias cadeiras confortáveis, uma mesa em torno da qual nos podíamos sentar, e um belo conjunto de estantes que eu usava para armazenar vinho e queijo em vez dos livros aos quais eram destinadas. A Sra. Garrison fizera a decoração e, embora tivesse dado ao quarto um tom inadequadamente alegre com pintura branca rosada e cortinas leves azuis, descobri que algumas espadas e gravuras marciais nas paredes me ajudavam a acrescentar um correctivo suficientemente masculino.

Eu orgulhava-me da ordem extrema deste aposento, pois a atmosfera gentil colocava à vontade os cavalheiros que vinham procurar os meus serviços. O meu tipo de negócio frequentemente envolvia o repugnante, e os cavalheiros, eu já tinha aprendido, preferiam a ilusão de que tratavam de negócios simples — nada mais.

Gostaria de acrescentar, embora sob o risco de ser acusado de vaidade, que também me orgulhava da minha aparência. Eu escapara dos meus anos como pugilista com poucas das insígnias que davam a colegas veteranos do ringue o ar de rufiões — olhos perdidos, narizes amassados ou desfigurações desse tipo — e nada mais tinha a mostrar das minhas sovas além de algumas pequenas cicatrizes pelo rosto e um nariz que ostentava apenas as suaves bossas e arestas que correspondem a várias fracturas. Na verdade, eu via-me como um homem de excelente aparência e fazia questão de me

vestir sempre com elegância, ainda que modestamente. Só usava sobre o meu corpo camisas limpas e nenhum dos meus casacos e coletes tinha mais de um ano de uso. Mesmo assim, não era nenhum destes alegres janotas que vestiam as últimas cores vivas e bordados; um homem do meu ramo prefere sempre modas simples que não chamem nenhuma atenção particular para si mesmo.

Sentei-me à grande escrivaninha de carvalho, que dava para a porta. Eu usava esta mesa quando organizava os meus afazeres, mas descobrira que ela servia para tornar clara a minha autoridade. Assim, apanhei uma pena e contorci os músculos do rosto para aparentar algo como um homem igualmente ocupado e irritado.

Quando a Sra. Garrison introduziu o visitante, porém, tive dificuldade para esconder a minha surpresa. William Balfour não era nenhum gatuno — como chamávamos aos ladrões naqueles tempos — mas um cavalheiro fino em vestimenta e aparência. Era talvez cinco anos mais jovem que eu: calculei que tivesse talvez 22 ou 23 anos. Era um homem alto, macilento e recurvado com uma espécie de olhar cavado num rosto amplo e bonito apenas ligeiramente marcado pelas cicatrizes da varíola. Usava uma peruca da melhor qualidade, mas que exibia a sua idade e uso nas manchas e numa cor encardida e pálida pobremente disfarçada pelo pó-de-arroz. Da mesma maneira, as suas roupas guardavam sinais de um corte fino, mas pareciam um pouco gastas, cobertas pela poeira das estradas, pelo pânico e por moradias baratas. O seu colete, em particular, bordado com fios de prata de qualidade, agora estava esfarrapado e puído. Havia, também, algo nos seus olhos. Eu não podia dizer se era suspeita, fadiga ou derrota, e ele observou-me com um cepticismo ao qual eu já estava muito bem acostumado. A maioria dos homens que passa debaixo daquela porta, vocês percebem, tem um olhar preparado para mim — desprezo, dúvida, superioridade. Uns poucos tinham até admiração. Os homens desta última categoria viram-me no auge como pugilista e o amor ao desporto superara o seu embaraço ao buscar a ajuda de um judeu que se metia na sorte desagradável de outros homens. Este Balfour olhou para mim não como um judeu, nem como um pugilista, mas como outra coisa — algo de nenhuma consequência, quase como se eu fosse o criado que o levaria ao homem que procurava.

— Senhor — disse, pondo-me de pé assim que a Sra. Garrison fechou a porta atrás de si. Fiz uma pequena reverência a Balfour, que ele retribuiu com uma resignação inexpressiva. Depois de lhe oferecer um assento diante da minha mesa, voltei à minha cadeira e informei-lhe que esperava as suas ordens.

Ele hesitou antes de expor o seu assunto, levando um momento para estudar as minhas feições — eu deveria dizer, pasmar diante das minhas feições, pois ele encarava-me mais como espectáculo do que como homem. Os seus olhos passearam com clara reprovação pelo meu rosto e pelas minhas roupas (embora fossem mais limpas e mais elegantes do que as dele) e encarou de soslaio os meus cabelos; pois, ao contrário de um cavalheiro autêntico, eu não usava peruca, em vez disso puxava os meus cabelos para trás no estilo de um chinó.

— Você, presumo, é Benjamin Weaver — começou finalmente numa voz que oscilava com incerteza. Mal notou o meu aceno de cabeça. — Venho por causa de um assunto sério. Não me agrada ser forçado a procurar as suas habilidades peculiares, mas preciso da assistência que só um homem como você pode proporcionar.

Mexeu-se nervosamente na cadeira e indaguei-me se o Sr. Balfour seria o que alegava ser — talvez fosse um homem de uma ordem muito inferior àquela que afectava, mascarando-se como um cavalheiro. Havia, afinal, *o assassinato* que mencionara à Sra. Garrison, mas agora eu não tinha mais certeza de que o assassinato mencionado seria aquele que tanto atormentava os meus próprios pensamentos.

— Espero ser de alguma assistência para o senhor — disse com cortesia estudada. Larguei a pena e inclinei a cabeça ligeiramente para lhe mostrar que colocava a minha plena atenção ao seu dispor.

As suas mãos tremeram distraidamente enquanto estudava as suas unhas com uma indiferença nada convincente.

— De qualquer maneira, é um assunto desagradável, portanto tenho a certeza de que está à altura da tarefa.

Ofereci-lhe uma breve reverência da minha cadeira e disse-lhe que era muito generoso, ou qualquer outro chavão, mas ele mal ouviu o que eu disse. Apesar das suas tentativas de aparentar uma atitude de lassidão, parecia visivelmente um homem à beira da sufocação, como se o seu colarinho o apertasse ao redor da garganta. Mordeu o lábio. Olhou em redor do quarto, os olhos dardejando aqui e ali.

— Senhor — disse eu, vai desculpar-me se observo que parece um tanto desarvorado. Posso oferecer-lhe um copo de vinho do Porto?

As minhas palavras tiveram o efeito de um tabefe no seu rosto e ele tentou recompor-se de novo, assumindo a postura de um janota despreocupado.

— Devo imaginar que existem maneiras menos presunçosas para investigar as desgraças de um cavalheiro. Ainda assim, vou aceitar uma bebida de qualquer qualidade que tenha disponível.

Não foi por deferência que deixei Balfour insultar-me livremente.

Uma vez estabelecido no ramo, não me levou muito tempo para aprender que homens de berço ou posição tinham uma necessidade profunda de demonstrar a sua superioridade — não em relação ao homem que contratavam para se intrometer nos seus negócios particulares, mas em relação ao negócio em si. Eu não podia aceitar as liberdades de Balfour pessoalmente, uma vez que eram endereçadas a mim. Sabia também que, uma vez que tivesse servido com eficiência tal homem, a memória do seu comportamento descortês com frequência o inspiraria a pagar prontamente e a recomendar as minhas habilidades a conhecidos seus. Portanto, afastei os insultos do Sr. Balfour como um urso afasta os cães mandados para acicatá-lo na sua toca. Servi o seu vinho e voltei à minha escrivaninha.

Ele deu um gole.

— Não estou desarvorado — assegurou-me. Se a qualidade da minha bebida surpreendeu agradavelmente o meu visitante, como eu esperava que fizesse, ele achou que não valia a pena mencionar esse facto. — Estou certamente cansado de uma péssima noite de sono e também — fez uma pausa e olhou-me fixamente — estou de luto por meu pai, que morreu há menos de dois meses.

Ofereci as minhas condolências e então surpreendi-me dizendo-lhe que também eu havia perdido um pai recentemente.

Balfour me espantou por sua vez ao dizer que sabia da morte de meu pai.

— Seu pai e o meu, senhor, eram conhecidos. Faziam negócios juntos, sabe, em ocasiões em que o meu pai tinha a necessidade de chamar um homem do... tipo do seu pai.

Eu gostaria de acreditar que não demonstrei surpresa, mas duvido que tenha sido assim. O meu nome não é Weaver, mas sim Lourenço. Poucos homens estavam familiarizados com o meu verdadeiro nome, portanto eu não podia ter imaginado que este homem conhecesse a identidade do meu pai. Eu não podia adivinhar o que mais Balfour sabia a meu respeito, mas não fiz perguntas. Apenas acenei devagar com a cabeça.

Agora eu estava totalmente confuso quanto ao que este homem queria, pois era perfeitamente claro que não viera por causa do meu infeliz problema da noite anterior.

Enquanto ruminava as minhas muitas incertezas, ocorreu-me que recordava vagamente do pai de Balfour. Lembrei-me de ouvir o meu pai falar dele — só dissera coisas boas sobre o homem, pois tinham sido mais, creio, do que meros conhecidos, embora chamá-los de amigos seria exagerar as suas possibilidades de inteiração. Eu lembrava-me do pai de Balfour, embora pudesse ter esquecido os inúmeros outros homens com os quais o meu pai fizera negócios, pois era fora do comum para ele ficar em termos tão familiares com um cavalheiro cristão. No entanto, eu não havia recordado a associação do meu pai com este homem quando li nos jornais sobre o suicídio de Michael Balfour. Ele tinha sido um próspero comerciante e, como muitos homens de negócios que assumem riscos, sofrera drásticos reveses financeiros. Os seus reveses particulares tinham sido severos; perdera mais do que tudo numa série de especulações infelizes e, incapaz de encarar os credores com a sua insolvência, ou a família com a vergonha da sua ruína, enforcara-se nos seus estúbulos. Tinha cometido este acto menos de 24 horas antes da morte do meu pai.

— Foi então através do seu pai que soube dos meus serviços? — perguntei a Balfour. Era uma questão irrelevante, pelo menos para as preocupações do Sr. Balfour. Eu queria saber se o meu pai teria falado de mim, na verdade se teria falado de modo aprovador, para os seus colegas e associados de negócios. Para grande perplexidade minha, sentia-me esperançoso de que Balfour tivesse conhecimento de que o meu pai havia, de certa forma, respeitado a vida que eu fizera para mim mesmo.

Balfour libertou-me logo destas ficções.

— A recomendação não vem tão directamente. Por certo ouvi o seu nome no passado, na mesma conotação, o senhor entende, em que a gente ouve falar de espectáculos ambulantes e esse tipo de coisas, mas recentemente estava num café quando ouvi um cavalheiro mencionar o seu nome. Um amigo dele, um tal de *Sir Owen Nettleton*, havia-o contratado numa questão de negócios e acreditava na sua competência, uma classificação de suficiente mérito nesta época. Então concebi a ideia de que os seus serviços podiam ser de alguma utilidade para mim.

Muitas vezes me maravilhou o facto de que Londres, para uma cidade tão enorme, é às vezes surpreendentemente pequena. Entre incontáveis milhares, este tipo de interacção ocorre quase todos os dias, pois homens de tal natureza e de tais preocupações congregam-se inevitavelmente nos mesmos clubes e tavernas, cafés e casas de chá. Eu tinha de facto prestado um serviço a *Sir Owen Nettleton*, e os seus interesses haviam ocupado muito os meus pensamentos nesta manhã, mas discutirei mais sobre ele adiante.

Balfour terminou o seu vinho do Porto com um possante gole e encarou-me fixamente nos olhos com uma intensidade que sugeria estar a reunir forças.

— Sr. Weaver, vou ser directo com o senhor. O meu pai foi assassinado. Acredito que pela mesma pessoa ou pelas mesmas pessoas que mataram o seu pai.

Eu nem sequer podia pensar em como reagir. O meu pai tinha sido morto, por certo, mas não assassinado, uns dois meses antes: um cocheiro embriagado havia-o atropelado quando atravessava a *Threadneedle Street*. A coisa ficara envolta numa espécie de incerteza. Até que ponto o cocheiro havia sido imprudente? O meu pai atravessara a rua às cegas? O acidente podia ter sido evitado? Todas questões sem resposta, determinou o magistrado. O cocheiro, apesar de negligente, agira sem intenção maldosa e não teria motivos para querer ferir o meu pai. O mesmo acto perpetrado contra um conde ou um parlamentar poderia ter valido ao cocheiro, na melhor das hipóteses, sete anos de degredo nas colónias, mas o atropelamento irresponsável de um especulador judeu não chegava a ser questão para se desfraldar a plena majestade da lei.

O magistrado libertou o cocheiro com uma severa advertência e aquilo selou o fim legal da questão.

Na ocasião eu estava sem falar com o meu pai há cerca de dez anos. Nada sabia dos seus negócios e dificilmente me ocorreu que a sua morte pudesse ter sido algo tão horrível como assassinato. Este pensamento, no entanto, ocorrera a um parente do meu pai, o meu tio Miguel, que escrevera para me informar das suas suspeitas. Fico ruborizado ao admitir que recompensei os seus esforços em busca da minha opinião com apenas uma resposta formal em que descartava as suas ideias como absurdas. Agi assim em parte porque não queria envolver-me com a minha família e em parte porque sabia que o meu tio, por motivos que me escapavam, amava o meu pai e não podia aceitar a falta de sentido numa morte tão aleatória.

No entanto, uma vez mais, me via confrontado com a sugestão de que o meu pai tinha sido vítima de um crime maldoso e, uma vez mais, descobria que o exílio da família a que eu me impusera me fazia desejar não acreditar na hipótese.

Obriguei o meu rosto a conformar-se segundo os rígidos ângulos da imparcialidade.

— A morte de meu pai foi um acidente infeliz.

Balfour sabia mais sobre a minha família do que eu sabia sobre a dele, e eu via aquilo como uma desvantagem, por isso, já num estado mental agitado, prossegui num ritmo dos mais lentos.

— E se me permite ser indelicado, os jornais relataram a morte de seu pai como outra coisa que não assassinato.

Balfour ergueu a mão, como se a ideia de suicídio pudesse ser afastada para longe.

— Sei o que os jornais relataram — falou bruscamente, a saliva a saltar-lhe da boca. — E sei o que o magistrado disse. No entanto, juro-lhe que algo está errado em tudo isso. Na ocasião da morte do meu pai, o seu espólio revelou-se bastante mal, mas poucas semanas antes ele disse-se que vinha a lucrar em especulações, tirando vantagens de flutuações no mercado causadas pelas rivalidades entre o Banco de Inglaterra e a Companhia do Mar do Sul. Eu não desejava vê-lo a meter-se nos negócios da Exchange Alley, a comprar e vender acções à maneira de... bem, à maneira do seu povo, Weaver, mas ele acreditava que existiam amplas oportunidades para um homem que soubesse usar a cabeça. Por isso, como é possível que as suas finanças estivessem tão... — parou um pouco para escolher as palavras — mal organizadas? Considera uma coincidência que os nossos pais, ambos homens muito ricos e conhecidos, tivessem morrido súbita e misteriosamente dentro do espaço de um único dia e os bens do meu pai se revelassem um caos?

Enquanto falava, o rosto de Balfour revelava um número nada pequeno de paixões: indignidade, nojo, desconsolo e até, acredito, vergonha. Achei estranho que um homem disposto a expor um crime tão terrível não exibisse atitudes de ultraje.

As alegações que fazia, porém, acenderam dentro de mim uma agitação que tentei conter concentrando a minha mente nos factos diante de mim.

— O que o senhor apresenta não oferece nenhum tipo de prova de assassinato — disse depois de um momento. — Não posso ver como chegou a esta conclusão.

— A morte do meu pai foi encenada para parecer suicídio de modo a que um vilão ou vilões pudessem levar o seu dinheiro impunemente — declarou, como se tivesse revelado uma descoberta de filosofia natural.

— O senhor acredita que o espólio foi roubado e que o seu pai foi morto para ocultar este roubo?

— Em uma palavra, sim, senhor. É nisso que acredito.

As feições de Balfour acalmaram-se por um breve instante, num olhar de lânguido contentamento. Então, olhou para o copo de vinho vazio com um desejo nervoso. Servi uma nova dose.

Comecei a caminhar pelo quarto, apesar da dor irritante de uma velha ferida na perna, ferida que pusera fim aos meus dias como pugilista.

— Qual é a ligação entre estas mortes, então, senhor? O espólio do meu pai está solvente.

— Mas está a faltar alguma coisa? O senhor sabe de algo?

Eu não sabia, por isso ignorei o que considerava uma pergunta insolente.

— É do seu melhor interesse que eu seja rude. O seu pai morreu recentemente, sob condições terríveis, incapaz de deixar uma herança. O senhor cresceu com uma expectativa de riqueza e privilégio, com toda a razão para acreditar que viveria uma vida folgada de cavalheiro. Agora vê os seus sonhos cortados e procura maneiras de acreditar que as coisas não são assim.

Balfour ruborizou-se dramaticamente. Desconfio que não estava acostumado a contestações, em especial contestações de homens como eu.

— Fico ressentido com as suas palavras, Weaver. A minha família pode estar em dificuldades neste momento, mas seria bom lembrar-se de que sou um cavalheiro de berço.

— Como eu mesmo — retruquei, encarando directamente os seus olhos avermelhados. Foi um golpe brutal. A sua família era de novos-ricos e ele sabia-o. Tinha conquistado aquele título ambíguo de *cavalheiro* através dos negócios agressivos do seu pai como comerciante de tabaco e não pela majestade das suas linhas de sangue. Na verdade, lembrei-me de que o velho Balfour causara uma grande confusão entre os comerciantes de tabaco mais estabelecidos, provocando a ira dos homens que contratava para descarregar os seus navios. Os trabalhadores das docas costumeiramente sempre receberam pagas reduzidas e contrabalançavam os seus ganhos através de uma silenciosa redistribuição dos bens que manipulavam. Para navios a carregar tabaco, o processo é conhecido como "socagem": os trabalhadores simplesmente mergulham as mãos nas sacas de tabaco, socam tanto quanto podem nas suas sacolas e então revendem a mercadoria por conta própria. Na verdade, tratava-se de uma espécie de furto sancionado, mas anos atrás os comerciantes de tabaco deram-se conta de que os seus carregadores estavam a servir-se da carga apesar de quaisquer medidas destinadas a impedi-los, então simplesmente cortaram a paga e olharam para o outro lado.

O velho Balfour, no entanto, tomou a providência infeliz de contratar homens para inspeccionar os trabalhadores e garantir que nenhum deles socasse as suas mercadorias, mas recusou-se a aumentar as pagas proporcionalmente. Os trabalhadores ficaram violentos, rasgando várias sacas de tabaco bruto e libertando o seu conteúdo. O velho Balfour só cedeu depois dos seus colegas comerciantes o convenceram de que insistir naquele rumo louco equivalia a arriscar rebelião e a destruição de todo o seu negócio.

Que este filho de comerciante devesse afirmar que a sua era uma família antiga era claramente um disparate — nem sequer era uma velha família do *comércio*. E embora existisse naqueles dias, como existe hoje, algo decididamente inglês num comerciante rico, era uma afirmação relativamente nova e incerta que o filho de tal homem pudesse reivindicar a posição de *cavalheiro*. A minha declaração de que as nossas famílias eram da mesma espécie quase lhe causou um ataque. Piscou os olhos como se tentando dissipar uma visão e contorceu-se irritado até que recuperou o controle.

— Não acho nenhuma coincidência que os assassinos do meu pai tenham feito a sua morte parecer suicídio, pois isso deixa toda a gente envergonhada para discutir o caso. Você considera-me agora sem um pêni e acha que venho à sua presença implorar

por ajuda como um mendigo, mas nada sabe de mim. Vou pagar-lhe vinte libras para investigar esta questão durante uma semana. — Fez uma pausa para que eu pudesse reflectir sobre uma soma tão grande. — Que eu tenha de lhe pagar qualquer soma para descobrir a verdade por trás do assassinato do seu próprio pai é ainda mais vergonhoso para si, mas não posso responder pelos seus sentimentos.

Estudei o seu rosto, procurando sinais não sei bem do quê... decepção, dúvida, medo? Vi apenas uma determinação ansiosa. Não questionava mais que ele fosse quem alegava ser. Era um homem desagradável; eu sabia que o detestava imensamente e estava certo de que ele não tinha nenhum amor por mim. Mas não podia negar o meu interesse no que ele afirmava sobre a morte do meu pai.

— Sr. Balfour, alguém chegou a ver o que o senhor alega ser esta simulação de suicídio?

Agitou as mãos no ar para demonstrar a tolice da minha pergunta.

— Desconheço que alguém tenha visto.

Pressionei-o.

— Ouviu algum tipo de conversa?

Olhou-me com perplexidade, como se eu tivesse dito algum disparate.

— De quem eu ouviria? Acha que sou do tipo de me associar com homens que falariam tais coisas?

Suspirei.

— Então estou confuso. Como posso encontrar o homem que cometeu um crime se o senhor não tem testemunhas nem contactos? Onde, precisamente, devo procurar?

— Não conheço o seu negócio, Weaver. Parece-me que está a ser terrivelmente obtuso. Você já levou homens à justiça antes. O que fez então, deve fazer agora.

Esbocei um sorriso polido e, admito, condescendente.

— Quando levei homens à justiça no passado, senhor, foi em instâncias em que alguém conhecia a identidade do vilão e a minha tarefa era localizá-lo. Ou aconteceu um crime em que o bandido era desconhecido, mas testemunhas repararam que ele tinha algumas feições muito marcantes, vamos dizer, uma cicatriz acima do olho direito e um polegar decepado. Com informações dessa natureza, posso fazer perguntas ao tipo de pessoa que poderia conhecer este homem e assim descobrir o seu nome, os seus hábitos e finalmente o seu paradeiro. Mas se o primeiro passo é a sua crença, qual é o segundo passo? Quem são as pessoas certas junto às quais vamos inquirir agora?

— Estou chocado em ouvir sobre os seus métodos, Weaver. — Fez uma breve pausa, talvez para frisar o seu desagrado. — Não posso falar-lhe de segundos passos, nem de velhacos apropriados para serem questionados por si a respeito do assassinato do meu pai. O seu negócio é todo seu, mas acredito que consideraria a questão de interesse suficiente para receber as minhas vinte libras.

Fiquei silencioso por algum tempo. O que eu mais queria era mandar o homem embora, pois sempre tivera muito trabalho para evitar qualquer contacto com a minha família. No entanto, vinte libras não eram uma quantia pequena para mim e, embora temesse o terrível dia do ajuste de contas, sabia que precisava de uma força externa para me levar a restabelecer o contacto com aqueles que há muito tempo eu havia negligenciado. E havia mais: embora não pudesse então explicar porquê, a ideia de investigar um assunto tão sombrio intrigava-me, pois ocorrera-me que Balfour, apesar do escarcéu com que apresentava as suas ideias, estava com a razão. Tivesse um crime sido cometido, parecia racional que devesse ser desvendado, e eu gostava do pensamento do que um sucesso numa investigação desta natureza poderia fazer pela minha reputação.

— Espero em breve outro visitante — disse eu por fim. — E estou muito ocupado. — Ele começou a falar, mas não o deixei. — Vou estudar este caso, Sr. Balfour. Como



poderia me abster? Mas não tenho tempo para estudar a questão de imediato. Se o seu pai foi morto, então deve haver um motivo. Se foi roubo, precisamos de conhecer mais detalhes sobre este roubo. Gostaria que o senhor investigasse o quanto puder os afazeres dele. Fale com os seus amigos, parentes, empregados e quem mais julgue que possa também abrigar um pouco das mesmas suspeitas. Diga-me onde posso encontrá-lo e dentro de poucos dias entrarei em contacto.

— Para que é que vou pagar-lhe, Weaver, se sou eu quem vai fazer o trabalho por si?

O meu sorriso desta vez foi menos benigno.

— O senhor está naturalmente certo. Quando estiver livre, falarei com a família do seu pai, os seus amigos e empregados. Para que não me despachem, terei o cuidado de lhes dizer que o senhor me mandou fazer perguntas a eles. Talvez gostasse de os informar que esperem um judeu com o nome de Weaver para investigar a fundo assuntos de família.

— Não posso tê-lo a incomodar essas pessoas — gaguejou. — Céus, vê-lo a fazer perguntas à minha mãe...

— Então talvez, como sugeri, o senhor gostaria de cuidar pessoalmente disso?

Balfour levantou-se, adoptando uma compostura cavalheiresca.

— Vejo que é um manipulador inteligente. Farei algumas indagações discretas. Mas espero ouvir de si em breve.

Não disse nada nem me mexi, mas Balfour não prestou atenção e, dentro de um instante, tinha saído do meu quarto. Por algum tempo fiquei imóvel. Pensei no que havia transpirado e no que aquilo podia significar, e então peguei na garrafa de vinho do Porto.